LIBRAS

AULA 1

Profª Cintia Cargnin Cavalheiro Ribas

CONVERSA INICIAL

Olá!

Seja bem-vindo(a)!

Nesta aula abordaremos os temas relacionados aos diferentes contextos em que a Libras se insere, à História da Educação dos Surdos no Brasil, abrangendo as questões norteadoras que envolvem o Universo do Surdo, bem como da Língua Brasileiras de Sinais. Será uma aula para nos aproximarmos da Cultura Surda e aprendermos e começar nossa experiência de comunicação com as mãos!

Você será direcionado ao conhecimento inicial dessa linguagem que une culturas diferentes, porém, muito próximas! Compreenderá algumas diversidades que poderão contribuir no dia a dia e na comunicação com as pessoas surdas, quer seja no contexto educacional ou no contexto profissional, quer seja para a contribuição social.

Ao final deste primeiro encontro, nosso intuito, além dos conhecimentos iniciais, é que desperte em você o interesse por uma segunda língua brasileira além do Português, a Libras!

Vamos lá?!

TEMA 1 – TERMINOLOGIAS

Para iniciarmos nossos estudos sobre a Língua Brasileira de Sinais é fundamental nos apropriarmos de algumas terminologias e compreendermos que a utilização adequada delas fará a diferença ao relacionar-se com a comunidade surda.

Então, qual é a terminologia correta que você deve utilizar? Deficiente auditivo? Surdo-mudo? Surdo? Vamos entender?

O termo deficiente auditivo se refere à pessoa que tem perda auditiva, ou seja, tem fragmentos auditivos que poderão ser estimulados por meio de tratamentos clínicos. Já o termo “surdo-mudo” jamais deverá ser utilizado, afinal, a fala não está relacionada tão somente à emissão de sons, mas sim na forma de expressar palavras, sentimentos, fatos, ações etc., logo, o surdo pela não apropriação da língua portuguesa não pode – e não deve – ser considerado mudo.

Quando nos remetemos à terminologia sujeito surdo, estamos falando de um ser social, com direitos e deveres, que tem uma diversidade linguística e que se comunica por meio da Libras. Trata-se de um olhar político e sociológico da terminologia.

Bom, isso quer dizer – então – que há uma forma correta de se referir àqueles que têm a perda auditiva total e o termo correto é *surdo*, sendo este o termo utilizado pela comunidade surda. Lembrando que o surdo pode se comunicar tanto pela Língua de Sinais como pela Língua Falada Verbal, o que dependerá do meio em que ele foi inserido e como se deu seu processo de aprendizagem. O surdo que se comunica por meio da fala verbalizada e a compreende por meio de recursos como implantes, aparelhos auditivos e/ou leitura labial são os "surdos oralizados" e/ou surdo usuário da Língua Portuguesa Oral.

TEMA 2 – O QUE É LIBRAS? POR QUE LIBRAS É UMA LÍNGUA?

Entender os diferentes contextos da Língua Brasileira de Sinais é de grande importância para a compreensão de sua construção e de sua utilização. Porém, antes, é preciso entendermos que a Libras é uma "Língua Natural", pois é aquela desenvolvida como recurso para a comunicação, com a expressão de gestos que representem o que se deseja comunicar. Não podemos defini-la como materna, por exemplo, no caso do surdo filho de ouvintes, pois ele não aprende a linguagem verbalizada utilizada pelos pais ou familiares com que ele convive, então, desde cedo procura se comunicar com gestos, por meio de uma comunicação visual e não verbal, isto é, a "Língua Natural". No caso de filhos surdos de pais surdos, a "Língua Materna" poderá ser a Libras, se assim os pais se comunicarem com a criança surda.

A Libras não é uma linguagem, mas sim uma Língua efetivamente! Trata-se da segunda Língua Brasileira reconhecida no Brasil, que possui gramática e organização própria, sendo a Língua Portuguesa oral e a Libras, uma língua espaço-visual, o que veremos ao falarmos Libras nesta disciplina.

Há, então, uma estrutura gramatical na Libras que têm regras próprias e níveis linguísticos estruturados, que devem ser observados na comunicação.

É importante destacar, também, que a sigla correta para Língua Brasileira de Sinais é Libras e que a comunicação na Libras é visual e esta é a primeira língua do surdo (L1), sendo o Português a L2.

2.1 Libras no contexto educacional

No decorrer dos tempos, diversas adequações foram sendo implementadas no que se refere à educação dos surdos e o ambiente escolar. Mas o que precisamos ter em mente é que a Língua Natural da Comunidade Surda no Brasil é a Libras, ou seja, a primeira língua (L1) do surdo é a Libras e a segunda língua (L2), o português. Dessa forma, no ambiente escolar, o surdo tem o direito de ter uma educação bilíngue, em que a aquisição da língua de sinais e a gramática da Libras estejam em primeiro plano e, posteriormente, a compreensão dos aspectos linguísticos do português, com foco na escrita.

Isto quer dizer que o surdo pode não ser oralizado, porém, precisa que as condições de apropriação da segunda língua sejam proporcionadas por meio do acompanhamento e interação com o intérprete, professor e demais colegas.

Lembre-se que se você tiver em sala um aluno surdo deve sempre se posicionar de maneira que este possa ver seu rosto, lábios e expressões.

TEMA 3 – HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL E NO MUNDO

Durante muitos anos os surdos não foram considerados cidadãos capazes de exercerem seus direitos na sociedade, sendo tolhidos de casar-se, trabalhar, enfim, de exercer sua cidadania. Na Grécia antiga, por exemplo, os surdos eram afastados do convívio com a sociedade, eram excluídos, pois para a vida na sociedade grega, a perfeição era primordial.

Pelo fato de não escutarem, os surdos eram considerados incapazes, o que não se considerou durante longos anos é que o surdo tem sua inteligência preservada, apenas fala outro idioma, com experiências visuais.

No ano de 1880 ocorreu a primeira Conferência Internacional de Educadores surdos, chamada de Congresso de Milão. No Congresso, em que a maior parte do grupo de participantes era ouvinte, definiu-se que os surdos não poderiam mais se comunicar por meio de sinais, deveriam ser oralizados, pois a linguagem de sinais era inferior à linguagem falada.

A partir desse marco, começaram os movimentos dos surdos em busca de seus direitos, dentre eles o direito à informação e o direito de se comunicarem pela Língua de Sinais. Outro aspecto relevante defendido foi a Proposta de educação bilíngue, na qual o surdo teria a Língua de Sinais como primeira língua.

Cada país, cidade, região, tem uma comunidade surda, que busca seus direitos constantemente e se une de alguma forma na busca de acessibilidade, mesmo não sendo a língua de sinais uma língua universal.

Até aqui falamos um pouquinho da história de perdas e lutas da comunidade surda, mas não podemos deixar de destacar que mesmo nesse contexto havia educadores que acreditavam que a língua gestual era uma forma equânime de educação e convivência em sociedade e buscavam estruturá-la, consolidando-a como segunda língua. Dentre eles estão:

- Edward Gallaudet acreditava que a língua gestual contribuiria para a inserção do surdo na sociedade e a comunicação gestual era efetiva;
- Pedro Ponce de Léon utilizava pequenos gestos na comunicação com os surdos, sem uma língua estruturada e por meio do alfabeto manual;
- Girolano Cardano defendeu que a surdez não afetava a capacidade de aprender, que era preciso aceitar o surdo em suas diferenças;
- William Stoke foi o primeiro linguista a estudar a gramática da Libras em 1960. Seus estudos se tornaram um marco importante na compreensão da linguística da Libras e se basearam na observação da língua em movimento, ou seja, na comunicação entre os surdos.

3.1 Educação de surdos no Brasil

Ainda no Brasil Império, sob o governo de Dom Pedro II, iniciou-se a educação de surdos no Brasil, o que ocorreu com a chegada do educador francês Ernest Huet em 1855 para a criação de uma escola para surdos, que se consolidou com a fundação do Imperial Instituto de Surdos-Mudos no Rio de Janeiro, o qual abordaremos em um próximo tópico.

Em se tratando da História da Educação de Surdos no país, temos alguns marcos importantes, que representaram a luta pelos direitos da comunidade surda no Brasil, tanto por profissionais ligados à área de surdez, como por surdos.

Em 1977 foi fundada a Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo (Feneida) por profissionais da área de surdez e pais de surdos no Rio de Janeiro, tendo sido atuante na área de surdez até 1987, quando da fundação da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (Feneis).

A Feneis foi fundada por um grupo de surdos e tinha como um de seus objetivos o reconhecimento da Libras como língua. O grupo foi liderado pela professora Dra. Ana Regina e Souza Campello, que é surda e até hoje tem grande representatividade política, econômica, social e educacional na causa surda.

Então, após uma longa caminhada da comunidade surda e de ouvintes envoltos com a causa, no ano de 2002 a Libras foi reconhecida como língua oficial por meio da publicação da Lei n. 10.436 de 24 de abril de 2002.

No ano de 2005 foi publicado o Decreto n. 5.626/2005, que regulamentou a Lei n. 10.436/2002 e o art. 18 da Lei n. 10.098 de 19 de dezembro de 2000, no qual a inclusão da disciplina de Libras como disciplina curricular foi fundamentada, assim como a formação para professores e instrutores de Libras, entre outros aspectos relativos à acessibilidade do surdo.

Antes de passarmos para o próximo tópico, é importante refletirmos que com esse breve histórico, podemos compreender que a Libras é derivada da língua francesa de sinais, afinal, a base do ensino foi realizada por um francês.

TEMA 4 – INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS (INES)

Como mencionamos na história de Educação de Surdos no Brasil, em 26 de setembro de 1857 foi fundado oficialmente – por meio de lei – o Imperial Instituto de Surdos-Mudos no Rio de Janeiro. Apesar da data de 1857 ser o marco da fundação, as atividades do Instituto iniciaram e 1º de janeiro de 1856.

No período do início das atividades do Instituto até 1861, a instituição foi dirigida pelo diretor surdo Eduard Huet e após sua saída da direção, diversas alterações ocorreram nos regimentos e organização pedagógica do local. A organização curricular foi baseada nos modelos europeus com adaptação para as características dos estudantes que o frequentavam.

No ano de 1957, por meio da Lei n. 3.198 publicada em 6 de julho de 1957, teve o nome alterado para Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), como é denominado até os dias de hoje.

Durante 110 anos (1880 a 1990), os estudantes permaneciam no INES em período integral, sendo que aqueles que residiam distantes do Institutos poderiam ficar em regime de internato. Os estudantes estudavam em um turno e no contraturno recebiam reforço escolar e atendimentos terapêuticos, como fonoaudiologia, por exemplo.

O Instituto Nacional de Educação de Surdos está em pleno funcionamento até os dias atuais e tem como público estudantes da Educação Infantil ao Ensino Médio e, além da educação formal, desenvolve pesquisas para o aprimoramento das metodologias de ensino e inclusão de surdos.

A data de oficialização da fundação do Instituto foi um marco para a educação de surdos no Brasil, motivo pelo qual o dia 26 de setembro é considerado o Dia do Surdo e desde sua criação os movimentos para a abertura de espaço para a cultura surda no Brasil não pararam.

TEMA 5 – AS LÍNGUAS DE SINAIS NO MUNDO

As Línguas de Sinais são diferentes no mundo, cada país tem um sistema próprio para a comunicação por meio da Língua de Sinais, ou seja, a Libras não é uma língua universal.

Além da diversidade linguística da Língua de Sinais entre os países, há a variação linguística dentro de um mesmo país. O português, por exemplo, se você for à Porto Alegre, é falado de uma maneira, com gírias, jargões e sotaques próprios. Se for para Salvador, também, há gírias, jargões e sotaques diferentes. Um mesmo objeto em Porto Alegre pode se chamar de uma forma e em Salvador de outra. Com a Libras não é diferente!

Então, a Língua de Sinais se trata de uma Língua Nacional, porém, com regionalismo!

Como falamos, cada país tem uma Língua de Sinais própria, veja algumas delas:

- Brasil: Língua Brasileira de Sinais (Libras)
- França: Langue de Signes Française (LSF)
- Espanha: Lengua de Signos Española (LSE)
- Portugal: Língua Gestual Portuguesa (LGP)
- Estados Unidos: American Sign Language (ASL)
- Canadá: American Sign Language (ASL)

Mas, como os surdos de diferentes países se comunicam?

Bom, para facilitar a comunicação de surdos de diferentes países, foi criado o gestuno, que é uma língua artificial, isto é, construída, utilizada pelas comunidades surdas em viagens e em conferências internacionais, por exemplo.

O gestuno, também conhecida como língua de sinais internacional, não possui uma gramática própria, motivo pelo qual não é considerado uma Língua.

NA PRÁTICA

Vamos refletir sobre o que estudamos até aqui?
Individualmente, responda às questões que seguem:

A. Você acredita que a sua cidade e o Brasil como um todo são locais em que a acessibilidade para surdos é respeitada? Por quê?

B. Em sua região, há projetos que permeiem a aquisição da língua de sinais para ouvintes e a de língua portuguesa para surdos? Se sim, quantos são? São de fácil acesso?

FINALIZANDO

Esta aula nos possibilitou conhecer o panorama geral sobre diversos aspectos da história, da cultura surda e da comunicação por meio da Língua Brasileira de Sinais, não é?!

Ela será base para a compreensão dos próximos conteúdos que abordaremos, mas principalmente para que a partir dela você tenha um olhar mais aberto às questões da surdez, bem como à importância de aprender a se comunicar por meio da Libras.

Iniciamos falando das terminologias e entendemos que a forma correta que devemos nos dirigir àqueles que têm a perda auditiva total é “surdo”, pois mesmo com a variedade linguística, há a comunicação, então, é primordial extinguirmos o termo “surdo-mudo” de nosso vocabulário. A língua natural do surdo é a Libras, sendo essa a primeira língua do surdo e o português a segunda língua.

As lutas históricas pela causa surda foram intensas, tendo em vista que por dados momentos o surdo era tido como incapaz, já em outros, foi obrigado que se inserir na cultura ouvinte, sendo impedido de utilizar a língua de sinais e direcionado à oralização. Os movimentos pelos direitos da comunidade surda não pararam desde a implementação do INES, Feneida, Feneis até os dias atuais! Prova disso são as conquistas que vemos hoje em nossa sociedade, principalmente no meio educacional. Dentre elas a Lei n. 10.436/2002 e o Decreto n. 5.626/205, bem com Projetos de Lei que estão em votação.

A Libras possui uma estruturação própria, regras gramaticais e organização de tempos e espaços, baseando-se na comunicação gestual-visual, ou seja, ela é uma língua visual e espacial, com marcações que entonam a comunicação. Lembrando que a Língua de Sinais não é universal e que há a variedade linguística até mesmo dentro de um mesmo país, isto é, o regionalismo da língua.

Cada país tem sua Língua de Sinais e aqui vimos as referências de Brasil (Libras), França (LSF), Espanha (LSE), Portugal (LGP), Estadios Unidos (ASL) e Canadá (ASL), bem como o Gestuno, que é uma “internacionalização da língua de sinais” para que surdos de diferentes países se comuniquem entre si.

Aprender Libras é gratificante! A aprendizagem de Libras nos proporciona a possibilidade de comunicação e conhecimento mais amplo da cultura surda.

Com as bases históricas que conceituais que tratamos na aula, teremos subsídios para a continuidade de nossa disciplina e para “falarmos com as mãos”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 16 ago. 2021.

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 16 ago. 2021.

CAMPELLO, A. R. E S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. Tese (Doutorado) – Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

PERLIN, G. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

QUADROS, R. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.